

RUBEM BRAGA

Pan-Americanismo

HOUVE uma orgia de presidentes, que se juntaram todos e depois saíram como colibris, de capital em capital, bicando as flôres retóricas do pan-americanismo. Isso é bom. E nós, do Brasil, certamente ficamos bem, pois nosso presidente era o que mais sorria, e seu sorriso é simpático e cheio de «charme».

O que acho de mais comovente nisso tudo é o empenho em repetir, a todo instante, que todos os presidentes se encontraram e discutiram os problemas comuns de igual para igual. Ora, meus filhos, isso é mentira. Pode ser muito bonito, mas é apenas mentira. Nenhum presidente de nenhum país da América Latina fala ao presidente dos Estados Unidos de igual para igual. Da boca para fora pode ser, mas assim mesmo só em voz alta. Por dentro, enquanto ele está falando em «amizade tradicional», «espírito pan-americanista» e outras coisas assim, por dentro há uma vozinha fina, triste, inquieta, que repete incessantemente: «e os dólares? e os dólares?».

O outro, o norte-americano, bem que ouve essa vozinha. E lá por dentro também responde: «depois conversamos». E mais cedo ou mais tarde a conversa verdadeira sai mesmo, e depois de muita conta de chegar aparecem algumas dezenas ou pouquíssimas centenas de milhões de dólares para o primo pobre ir se aguentando. Como os primos pobres são muitos, e o rico é um só, e forrêta, os pobres vivem disputando cada meia centena de milhões, uns com ciúme dos outros, cavando sua facadinha como pode. E na hora do apêrto o pobre faz qualquer negócio com o primo rico, promete-lhe tôdas as concessões através da qual o primo rico vai instalar dentro de sua terra o maquinário para chupar o suor de sua gente. De vez em quando um primo pobre nota, espantado, que durante um certo tempo saíram mais dólares do que entraram. Como pode ser isso? E fica boquiaberto, como o lavrador que depois de trabalhar um ano inteiro descobre, no fim da safra, que ainda está devendo ao armazém que o financiou...

E' uma pena que o sr. Juscelino Kubitschek seja, como agora mesmo declarou no Chile, contra a formação de blocos dentro do pan-americanismo. Porque se não fôsse assim o momento seria o melhor possível para que se juntassem os primos pobres — a começar pelos mais remediados, que são o Brasil e a Argentina — para conversar com franqueza e em voz alta com o primo rico. Com bons modos, mas com firmeza, explicaríamos que estamos cansados de receber migalhas — e migalhas que pagamos caríssimo — quando êle, o rico, emprega em outras partes do mundo bilhões e bilhões. Que, para o americano, o «amigo certo» é o desprezado, que se explora com ar paternal. Que os Estados Unidos são a maior potência mundial, mas não são a única, e que com jeito e cautela poderemos ir buscar os bens de capital e a técnica de que precisamos para fazer nossa independência em outros países dêste ou do outro lado da cortina de ferro. Que não é nenhum sinal de amizade ficar a todo momento insinuando por mil meios que devemos entrar a exploração de nosso petróleo a um «trust», só porque êsse «trust» é americano. Que os Estados Unidos sabem muito bem, através dos trabalhos da Comissão Mista, qual é o mínimo que precisamos para botar um mínimo de ordem e nossa economia, e o fato de negar êsse mínimo, de ficar negaceando, pechinchando, botando condições e exigências, sumiticamente, isso não é pan-americanismo coisa alguma, é apenas agiotagem dos banqueiros do Partido Republicano, representante dos «trusts» que reclamaram quando Roosevelt nos ajudou a construir a Volta Redonda, que tentaram proibir nossa indústria de alumínio, que sabotaram a pesquisa de nosso petróleo e agora querem avançar nêle.

Mas quanta coisa desagradável para conversar em banquetes.

Esvoaçai, colibris!